

O HORROR COMO ESPETÁCULO: UMA ANÁLISE DO CONFLITO ENTRE O HAMAS E ISRAEL EM 2023

HORROR AS A SPECTACLE: AN ANALYSIS OF THE CONFLICT BETWEEN HAMAS AND ISRAEL IN 2023

Israel Aparecido Gonçalves¹

Maria Aldenora dos Santos Lima²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o conflito (que ainda não cessou) entre o Estado de Israel e a Faixa de Gaza, iniciado dia 7 de outubro de 2023. As cenas de assassinatos, de guerra, do drama humano, foram postadas nas redes sociais e na grande mídia (Globo, Globo News, CNN) de forma selecionada. Também foram registradas 4.687 de matérias online dos jornais Estadão e FSP, além do portal G1. Soma-se a análise de 3 canais no Instagram, especializados em assuntos militares, que divulgam as cenas dos massacres. Evidenciamos que as cenas de horror mostradas pela grande mídia e pelas redes sociais, em especial pelas últimas, continham poucas restrições nas exposições das informações, no intuito de conseguir likes e seguidores, dessa forma o horror virou espetáculo.

Palavras-chave: Estado de Israel; Hamas; Terrorismo; Espetáculo.

Abstract: The objective of this article is to analyze the conflict (which has not yet ceased) between the State of Israel and the Gaza Strip, which began on October 7, 2023. Scenes of murders, war, and human drama were posted on social networks and in the mainstream media (Globo, Globo News,

1 Cientista Político (UFSCar) e doutorando em Sociologia e Ciência Política pela UFSC. Autor de 13 livros.

2 Doutora em Educação (UFPR), professora do Centro de Educação e Letras-UFAC. Mestre em Educação (UFAM) e graduada em História (UFAC).

CNN) in a selected manner. 4,687 online articles were also recorded from the newspapers Estadão and FSP, in addition to the G1 portal. In addition, there is an analysis of 3 channels on Instagram, specialized in military matters, which publicize scenes of the massacres. We showed that the horror scenes shown by the mainstream media and social networks, especially the latter, contained few restrictions on the exposure of information, with the aim of getting likes and followers, thus the horror became a spectacle.

Keywords: State of Israel; Hamas; Terrorism; Show.

Introdução

O século XXI é marcado pela sociedade da informação. A midiaticização da vida é repercutida nos grandes canais de comunicação e nas redes sociais. Além do cotidiano das pessoas, cenas de guerra também são mostradas ao vivo. A guerra civil da Iugoslávia de 1990 a 2001 foi filmada e muitas imagens existem deste conflito. Outra guerra, a invasão do Iraque, pelos EUA, em 2003, que durou até 2011, foi transmitida ao vivo. Há muitas fotos e filmes sobre o longo conflito entre israelenses e os palestinos, em especial, a partir de 1948, quando é fundado dia 14 de maio daquele ano o Estado de Israel. Este texto tem o objetivo de analisar a cobertura jornalista do conflito iniciado no dia 7 de outubro a 30 de outubro de 2023. Quando o Hamas atacou o sul do Estado de Israel, matando mais 1.400 pessoas e, também, o contra-ataque israelense, na Faixa de Gaza, que já chegou a 8 mil vítimas³. Destaca-se que esse é o maior confronto direto desde a guerra do Yom Kippur (1973) entre o Estado de Israel e os palestinos. Ao finalizar este artigo dia 30 de outubro de 2023, o conflito continua e o Exército de Israel já realiza incursões terrestres em solo árabe em Gaza, assim, este trabalho é de conjuntura e limitado aos 23 dias de combates entre o Hamas e Israel.

3 O conflito permanece, quando escrevemos este texto (30/10), e o número de mortos e feridos dever aumentar até o fim do conflito. No dia 15 de outubro o número de mortos em Gaza era de 2.700 mil vítimas

A metodologia deste trabalho está na esfera qualitativa, com base em obras cujos descritores são: Estado de Israel; Hamas; horror; espetáculo, terrorismo, Oriente Médio e Palestina. Além disso, foram analisadas matérias jornalistas dos jornais Folha de São Paulo, Estadão e Instagram, Telegram sobre temas militares, como também os canais de TVs: Globo News e CNN, entre os dias 7 a 30 de outubro. Quando analisamos conflitos mundiais, os meios de informação estão concentrados nos seguintes canais de comunicação: Agência da França (AFP), disponível em: <https://www.afp.com/pt>; agência da Alemanha (DPA), disponível em: < <https://www.deutschland.de/pt-br/news>>; agência da Inglaterra (Reuters), disponível em: <<https://www.reutersagency.com/pt-br/>>; a British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão) (BBC), disponível em: <https://www.bbc.com/>; a agência do Catar, Al Jazeera, disponível em: < <https://www.aljazeera.com/>>; e a agência Russa (Sputnik), disponível em: < <https://sputniknewsbr.com.br/>> são canais de comunicação que influenciam de forma direta ou indireta os meios de comunicação e as redes sociais no Brasil. O texto está dividido em introdução, contextualização histórica, análise da mídia que expõe os conflitos entre Israel e os palestinos. Ao final, realizamos as considerações finais, apontando constatações e encaminhamentos.

É necessário entender o contexto histórico desses 75 anos de conflitos árabes-israelenses. Como aponta o cientista político Zaverucha, o Estado de Israel é um país que rende muita mídia no mundo. Conforme ele “Existem vantagens nesse mediatismo: Israel é sempre um sucesso de bilheteria para jornais ou televisões que dedicam ao caso uma atenção obsessiva, por vezes mesmo desproporcional”. (ZAVERUCHA, 2010, p.9).

Contextualização

De fato, com a descoberta de grandes campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, posteriormente, com as investigações, ficou provado o chamado Holocausto. Os judeus foram mortos pelas tropas de Hitler, simplesmente por serem judeus. Então, com a criação das Organizações das Nações Unidas (ONU), a reivindicação do movimento Sionista, liderado por

David Ben Gurion, ganhou força. A ONU determinou que o Estado de Israel seria fixado na Palestina, e assim foi feito quando a Inglaterra, país que dominava a região, cedeu a região aos judeus. Contudo, os árabes já viviam nessa região há centenas de anos⁴. Aliás, mesmo antes da formação de um país judeu na região, já havia registro de conflitos entre árabes e judeus. Os árabes não foram ouvidos pelos membros da ONU ao negarem o controle de uma parte do seu território e tiveram que sair do local em detrimento dos judeus.

Israel foi criado no dia 14 de maio de 1948. Essa situação gerou o início dos conflitos diretos entre o Estado de Israel e os palestinos, que não formaram de imediato um estado reconhecido pela ONU. Os palestinos chamam o dia 15 de maio de “al nakba”, ou a catástrofe árabe, essa saída forçada pelo recém-formado exército de Israel contra os palestinos, os quais resistiram e atacaram os judeus, a fim de retomarem o território. Na época, tropas de Egito, Líbano, Síria, Iraque e Jordânia iniciaram uma grande ofensiva contra o recente Estado criado, porém perderam a guerra, que ficou conhecida como a Primeira Guerra Árabe-Israelense, forçando a saída de 700 mil palestinos da região, conforme a ONU. (AKCELRUD, 1986)

O conflito gerou debates na ONU, que aprovou a resolução 194 (11 de novembro de 1948) a qual reconhecia a imigração forçada e dava o direito de retorno dos palestinos, ou indenização, por parte de Israel, para aqueles que não queriam regressar ao seu território.

No entanto, a Primeira Guerra Árabe-Israelense não pode ser vista como apenas uma vitória das forças israelenses, mas como expansão do seu território, com relação às determinações e aos limites colocados pela ONU antes da criação do Estado de Israel.

Em resumo, outros conflitos ocorrem nesses 75 anos do país, entre eles, destacamos a Guerra de Suez (1956), na qual o Brasil fez parte sob a égide da ONU; a Guerra dos Seis Dias (1967); a Guerra de Yom Kippur (1973) no qual matou mais de 2 mil israelenses e 15 mil árabes. (AKCELRUD, 1986).

Depois de anos de negociação, em 1993, o acordo de Oslo, na Noruega, foi assinado entre

4 O termo Palestina significa Filisteu (LEWS, 1996). Foi uma forma de Roma descaracterizar o nome da região no qual invadiu em 37 a.C. Por causas das revoltas em 134 d.C. os romanos expulsaram os judeus da região.

Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP – criado em 1964). Foi Bill Clinton o mediador, e o princípio do acordo era o fim das hostilidades entre as partes e a busca pela paz, a retirada de Israel do Líbano, além da reformulação do status de Jerusalém como um local sagrado para ambas as culturas. Os tratados avançaram para Oslo 2 em 1995 e, no final dos anos de 2000, ocorreu um retrocesso desses acordos por causa da Intifada (levante).

A Intifada iniciou-se em 1987, na Cisjordânia, e entre os motivos desse conflito estavam a expulsão de soldados israelenses da região e a própria corrupção das autoridades palestinas. Em 2000, a segunda Intifada ocorreu quando o Primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, caminhou pela Esplanada das Mesquitas e no Monte do Templo, próximo da mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, local sagrado para os muçulmanos e judeus. Em 2004, a construção do muro da Cisjordânia foi iniciada, sendo um exemplo de segregação e de desrespeito a resolução da ONU, nº 194, e que fere os acordos de Oslo.

Após esses acordos, o líder da OLP é chamado de autoridade Palestina, atualmente, desgastada pela corrupção e pela inércia com relação à efetivação do Estado Palestino. Conforme a matéria do Intercept, em 2018:

Isso não é nenhuma surpresa para os palestinos. “Não é que a Autoridade Palestina tenha se tornado um monstro, eu acho que ela já nasceu um monstro,” disse ao Intercept Yara Hawari, uma jovem ativista e membro de políticas no think tank palestino Al-Shabaka. “Eu não acho que jamais poderia ser outra coisa apenas pela forma como foi organizado: a sua razão de existir era manter a situação, lidar com ela e auxiliar.” (SCHWARZ; SPERI, 2023).

Essa anomia das autoridades palestinas motivou e criou movimentos dentro das regiões mais radicais. Destaca-se que em 11 de novembro 2004 morre Yasser Arafat, e Mahmoud Abbas torna-se o líder dos palestinos, coordenando o partido chamado Fatah, e nada muda de fato para a situação dos palestinos. Por outro lado, o Hamas é um exemplo desse processo complexo que é a região do Oriente Médio, visto que o grupo é criado no seio da primeira Intifada em 1987. Já em 2006, ganha as eleições na Palestina, mas a eleição é anulada.

As últimas eleições legislativas da Palestina foram realizadas em 2006, com o apoio do governo George W. Bush. O Hamas, a organização islamita mais radical em Gaza, saiu vencedor – não necessariamente porque os palestinos concordassem com todas as suas políticas, mas por sua reputação de ser menos corrupto que o Fatah, um resquício da OLP. Hillary Clinton, na época senadora pelo estado de Nova York, ficou chocada com a ingenuidade de Bush. “Eu acredito que nós não deveríamos ter encorajado uma eleição nos territórios palestinos”, declarou. “E, se o plano era pressionar por eleições, então deveríamos ter certeza que fizemos algo para determinar quem venceria.” (SCHWARZ; SPERI, 2023).

Logo, Abbas continuou como representante da Palestina na região da Cisjordânia e o Hamas ganhou espaço na Faixa de Gaza. Ressalta-se que Hamas é um grupo extremista paramilitar, considerado terrorista pelos EUA, Israel e Europa Ocidental, sendo também um partido político e um movimento social. No entanto, o diálogo entre o Ocidente e o Hamas é quase impossível por causa de seu princípio norteador – o fim do Estado de Israel -, conforme sua carta de fundação: “Israel existirá e continuará existindo até que o Islã o faça desaparecer, como fez desaparecer a todos aqueles que existiram anteriormente a ele” (Estatuto do Hamas, 2023).

Com um governo de extra direita desde 2009, o governo de Israel dialoga pouco de forma democrática com o governo Palestino, gerando mais conflitos. Em 2009 e 2014, o Estado de Israel invadiu a Palestina por terra, mas, nos anos de 2012 e recentemente, em 2021, optou por bombardear a região. Entre janeiro a setembro, 227 palestinos foram assassinados por judeus na região (CNN, 2023).

A situação da Palestina e de Israel deve ser entendida dentro do Direito Internacional e também embasada nos Direitos Humanos. Estes têm como base fundamental a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217, na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948. Este documento não é uma lei e, sim, uma proposta para atuação dos 193 países da ONU, no qual Israel e a Palestina fazem parte.

Os Direitos Humanos devem ser compreendidos por meio dos Pactos Internacionais de Direitos Civis e Políticos e de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966). Além de tudo, sustentam

esses direitos as Convenções relativas ao Genocídio (1948), à Discriminação Racial (1965), à Discriminação contra a Mulher (1979), à Tortura (1984) e aos Direitos das Crianças (1989).

Os 2,3 milhões de habitantes de Gaza vivem presos em um território de 365 km quadrados, sob o regime fundamentalista do Hamas e cercados por Israel, ao norte, leste e oeste. Ao sul o cerco é feito pelo Egito, país árabe que é comandado pelo Abdul Fatah Khalil Al-Sisi desde 2014. Cerca de 40% estava desempregada e em torno de 40% a 50% são crianças ou adolescentes. (GRANCHI, 2023)

Desenvolvimento

A exposição midiática das guerras foi marcada pela invasão do Iraque no Kuwait, em 1991, quando vários correspondentes, ao vivo, transmitam e analisavam a situação na região ou de cidades próximas⁵. Evidencia-se que a Guerra étnica e territorial da Bósnia, que ocorreu entre abril de 1992 e dezembro de 1995, na região da Bósnia e Herzegovina, também foi filmada e muitas cenas de terror eram exibidas nos meios de comunicação. Ainda, outro marco foi a invasão dos EUA e sua coligação no Iraque em 2003, momento em que a rede Globo retransmitia, ao vivo, o lançamento de mísseis e o avanço das tropas ocidentais no deserto iraquiano⁶.

A primeira observação é que os jornalistas que estão no campo de batalha devem seguir as regras do país invasor, por isso, nem tudo é de fato transmitido “ao vivo” e de forma natural, mas a maioria das pessoas não sabe disso. Assim, há uma censura prévia de tudo que mostrado na TV. As imagens, o posicionamento das câmeras e dos jornalistas são previamente demarcados e depois averiguados pelos invasores. (ARBEX, 2023).

O atentado terrorista de alto impacto mais bem filmado foi o 11 de setembro de 2001 nos

5 Há vários registros de filmes, fotos, entrevistas de outras guerras. Entretanto, a modalidade ao vivo (24h) com imagens em tempo real e a cores, a chamada guerra do Golfo foi a primeira. (ARBEX, 2003).

6 Uma parte deste desenvolvimento foi publicado na revista Le Monde Diplomatique Brasil em 07 de novembro de 2023. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/horror-espetaculo-conflito-palestina-israel/>

EUA. A imagem, ao vivo, de um avião comercial colidindo-se com a torre do World Trade Center foi chocante para todos que assistiam uma torre em chamas e se perguntavam o que estava acontecendo. Neste caso, as pessoas tinham acesso à internet e já existiam algumas redes sociais. A proliferação dessas imagens foi mais rápida do que as anteriores. Muitas imagens que estão na internet são de pessoas que filmaram em tempo real as chamas nas torres e seus efeitos devastadores as pessoas que lá estavam trabalhando.

Verdadeiramente, os ataques terroristas do Hamas no sul do Estado de Israel é a barbárie, fato que ocorreu no dia 7 de outubro. O Hamas é um grupo que tem a maioria do parlamento da Faixa de Gaza desde 2006, mas não conquistou espaço político no parlamento da Cisjordânia, na prática criando 2 governos palestinos. Em 2007 o Hamas dá um golpe e assume o comando total de Gaza. É inadmissível que grupos armados entrem em casas ou festas e matem pessoas, de forma indiscriminada, em qualquer lugar ou situação. Considera-se esse ataque muito expressivo por ter havido a morte de mais de 1.400 pessoas em um único dia, causada pelos membros do Hamas, sendo o maior número de israelenses mortos após a Guerra do Yom Kippur, que acabou em 1973. Além das vítimas, 210 pessoas foram sequestrados⁷ entre elas judeus e de outras nacionalidades. Um fator importante dessa barbárie são os vídeos feitos pelos próprios membros do grupo do Hamas e, transmitidos em suas redes sociais (Facebook, Instagram e X (antigo twitter)).

No entanto, a resposta do Estado de Israel contra os terroristas⁸ demorou, em alguns lugares, mais de 20 horas, provocando um caos, até as forças de segurança entenderem o que de fato tinha ocorrido no sul do país (O GLOBO, 2023). Como resultado, o Primeiro-ministro israelense, Benjamin

⁷ Este número pode variar porque o conflito não acabou e é difícil produzir um dado oficial e exato sobre a quantidade de reféns. No início do conflito, 7 a 10 de outubro estimavam 110, depois 126, agora 210.

⁸ Há uma discussão internacional se o Hamas é ou não um grupo terrorista. As Nações Unidas não classificam o Hamas como terrorista, assim, seguem a Brasil, Noruega, Suíça, Rússia e China entre outros países seguem a classificação da organização. Israel, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão, países membros da União Europeia denominam o Hamas como terrorista (São considerado grupos terroristas: Boko Haram, a Al-Qaeda e o Estado Islâmico). (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL, 2023). Denominaremos o Hamas como grupo terrorista porque ele atuou como terrorista em 7 de outubro de 2023.

Netanyahu, de extrema-direita e que está no poder desde 2009, declarou guerra contra o Hamas, tornando a decisão inquestionável. Nesses 14 anos no poder, Netanyahu expandiu os assentamentos no território palestino na Cisjordânia e fez desdém da Faixa de Gaza, entendida por ele, como controlada e cercada geograficamente por todos os lados. Em documentário “Por Dentro do Hamas” produzido pela CNN Internacional e reproduzido pela CNN Brasil (CNN, 2023a) fica explícito que Netanyahu buscou fortalecer o Hamas, pelo menos politicamente, para promover e aumentar uma cisão entre o Fatah e o Hamas, dificultando a criação de um Estado Palestino.

Ademais, no mês de julho deste ano, Netanyahu autorizou ataques no campo de refugiados de Jenin, matando 12 civis ao atacar com mísseis e drones de guerra. Conforme matéria de jornais BBC News, “Mais palestinos rejeitam sua própria liderança reconhecida internacionalmente e apoiam a resistência armada. E Israel permanece sob o controle do governo mais extremista já eleito, que prometeu estender o que chama de direitos exclusivos dos judeus a toda a terra da região” (BATEMAN, 2023). Ainda, a região de Jenin foi atacada sem aviso e a ideia do governo israelense é aumentar os assentamentos judeus na região e deslocar os palestinos. O Estado de Israel, nessa ação cometeu crimes contra a humanidade, conforme as Convenções relativas ao Genocídio (1948).

No caso do ataque, é aceitável e necessário o Estado de Israel reagir contra o Hamas, porque quanto menos grupos terroristas existir no mundo será melhor para todas as pessoas que comungam com os Direitos Humanos. Então, Israel é atacado com foguetes e seus cidadãos foram sequestrados, apresentando-se como um fato inaceitável. O terrorismo é a barbárie e isso significa ir de encontro ao Direito Internacional, aos Direitos Humanos, enfim, à humanidade. Todavia, o terrorismo de Estado também é uma realidade comprovada nos países Orientais como a Síria e Irã, assim como nos Ocidentais, no caso dos Estados Unidos da América. Os EUA mantêm até hoje pessoas presas sem julgamento ou por qualquer acusação formal na prisão de Guantánamo, sob comando americano em Cuba, além de que fotos e vídeos foram vazados e pode-se assistir a cenas de humilhação e tortura aos detentos (BBC, 2023).

Constata-se que o historiador Caleb Carr, em seu livro “A Assustadora História do Terroris-

mo”, analisa o terrorismo de Roma até os atentados do dia 11 de setembro nos EUA, afirmando que o terrorismo causa mortes, mas politicamente é inviável. Por outro lado, Anne Williams e Vivian Head, na obra “Ataques terroristas: a face oculta da vulnerabilidade”, contribuem com Carr ao apontarem que o terrorismo é ineficaz politicamente, contudo avançam ao afirmar que a ação terrorista de Estado também não colabora para o diálogo entre as partes conflitantes.

Retomando a questão dos ataques do Hamas contra pessoas no sul de Israel, os quais foram, na maior parte das vezes, filmados e transmitidos nas redes sociais⁹, busca-se transformar o horror em espetáculo (DEBORD, 2003). Conforme documentário da CNN (2023) já citado, os membros do grupo terrorista tinham a tarefa de registrar o máximo de ações. As imagens eram enviadas diretamente para os líderes do grupo, que retransmitam para as redes sociais.

Os jornais da grande mídia televisiva brasileira e as redes sociais se limitam em apresentar imagens e destacar um ataque ou outro, como fosse um carnaval ou um espetáculo qualquer. A resposta de Israel é evidentemente desproporcional, a força militar e extremamente superior, sem considerar o apoio total dos EUA, maior força militar do mundo. Em termos é necessário configurar a situação como um massacre ao povo palestinos, no qual um ou outro terrorista é morto.

Em uma análise mais profunda, para além das narrativas, é visto que o Estado de Israel, em nome de aniquilar o Hamas, pretende na realidade retirar e exterminar o povo palestino da Faixa de Gaza. Logo, ao determinar a saída de mais de um milhão de pessoas de suas casas, ao norte da Gaza (FSP, 2023a), Israel cria um dos maiores deslocamentos forçados da atualidade, comparado com a da Ucrânia, da Síria e do Afeganistão.

As diferenças entre as ações de Israel e dos outros países como Síria e Afeganistão, é que o país foi atacado, por isso uma premissa de validade. Além disso, outro motivo mais explícito é que Israel tem o apoio da maior força militar do mundo, os EUA, e também da Europa, além de ele ser

9 Vários instagram transmitem as cenas de horror (Geopolítica hoje: Disponível em: <https://www.instagram.com/geopolitica hoje/>), o próprio Estado de Israel distribuiu os vídeos. O Estadão também mostrou várias fotos: Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/fotos-tiradas-por-celular-viram-documentos-e-afetam-os-caminhos-da-guerra/> Acesso em: 15 out. 2023.

uma democracia reconhecida pelo Ocidente. Embora uma democracia em fase de concentração de poder por Benjamin Netanyahu¹⁰.

Além do apoio militar dos EUA, Israel pode contar com apoio da mídia europeia como a agência da França (AFP), agência da Alemanha (DPA), agência da Inglaterra (Reuters), a British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão) (BBC), que têm correspondentes em Israel. A mídia brasileira reproduz e interpreta os conflitos no mundo, por meio, dessas agências de notícias. Sobre correspondentes internacionais o jornalista Arbex afirma:

Finalmente, intervém a figura do correspondente. Com o passar do tempo, os telespectadores se acostumam a identificar nele uma fonte conhecida de informação, alguém que apresenta explicações em um cenário desconhecido e muito complexo, uma espécie de vizinho honesto e confiável. As emissoras, por sua vez, escolhem os correspondentes mais adequados a esse papel. Eles são “produzidos” como artistas em um show, quase que da mesma forma os candidatos a eleições ficam muito mais preocupados com a aparência do que com os programas políticos que deverão apresentar. (ARBEX, 2003)

A Ucrânia também foi atacada e tem o seu direito de autodefesa, porém, neste caso é uma guerra entre Estados e sujeitos ao Direito Internacional. Imagens e vídeos circulam nas redes sociais, sobre este conflito. Com relação a Israel, um fator importante é a sua tecnologia e o amparo financeiro e militar para atacar o Hamas. Esses recursos possibilitariam o ataque ao grupo terrorista, sem matar milhares de palestino ou de retirá-los à força do seu território, esse que foi legitimado pela ONU em 1948. Evidencia-se que ao determinar a morte de crianças e mulheres, de idosos e doentes ocorre um terrorismo de Estado por parte de Benjamin Netanyahu.

A maioria das pessoas no Brasil não tem acesso a outras narrativas sobre o massacre. A agência do Catar, Al Jazeera, disponível em: < <https://www.aljazeera.com/>>; e a agência Russa (Spu-

10 Para entender como Netanyahu está concentrando poder na minguate democracia israelense: Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/netanyahu-diz-que-reforma-do-judicio-rio-em-israel-e-pequena-correcao-para-tribunal-ativista/> Acesso em: 15 out. 2023. Ainda não tivemos acessos a análise mais profundas sobre essa temática, mas como citado, os meios de comunicação estavam cobrindo esse movimento político em Israel.

tinik), disponível em: < <https://sputniknewsbr.com.br/>> não são citadas nos meios de comunicação tradicional. Em uma análise do site da Al Jazeera é possível ver o enfoque do drama humano em Gaza. Com a destruição das casas e prédios, muitas pessoas dormem na rua porque suas casas foram bombardeadas por mísseis lançados por Israel.

Figura 01



Fonte: Aljazeera, 2023

A CNN Brasil já ocupa um espaço maior de sua cobertura para divulgar os ataques do Exército de Israel, as movimentações das tropas e os números dos bombardeios ocorridos. Mapas das incursões dos israelenses são expressos na televisão, no qual um especialista explica as possibilidades que podem ocorrer. Uma âncora da emissora, Elisa Veeck, chegou a dizer que era “fantástico” ver o seu colega ao vivo, Américo Martins, noticiando os eventos em solo israelenses. Ao final, Veeck

chama os fatos noticiados de triste. Outro jornalista, em meios aos tanques israelenses, busca justificar o número grande de tanques de guerras de Israel, devido a um possível ataque do Iêmen¹¹ ou do Hezbollah¹².

Figura 02



Fonte: CNN, 2023b

O homicídio de crianças nas guerras não comove as potências mundiais (EUA, França, Inglaterra, Rússia e China). No caso do atual conflito no Oriente Médio, todos os países parecem (e estão) enrolando para de fato cobrar as responsabilidades do Estado de Israel e punir de forma séria todos os grupos terroristas do mundo e de seus massacres à população civil. O Estadão e a Folha de São Paulo, assim como CNN Brasil e a Globo News repercutiram ao vivo ou com textos os fracassos das 4 reuniões do Conselho de Segurança da ONU, no qual nada foi resolvido de fato, com relação ao massacre de Israel contra o povo palestino (GONÇALVES, 2023). Quando um estado, com leis e burocracia moderna, mata e desloca crianças em um êxodo forçado, sem água, comida ou energia, é um crime contra a humanidade (Estatuto de Londres, 1946; Estatuto de Roma, 1998). E tudo isso, filmado e registrado através de comunicações formais, oficiais e pelas redes sociais.

11 Este país está em guerra civil desde 2014. Diferentemente dos conflitos árabes-israelenses, a guerra civil do Iêmen é pouco divulgada, por isso, é conhecida como a “Guerra esquecida”.

12 É um partido político e um grupo armado, localizado ao sul do Líbano. Considerado pelos EUA e seus aliados como terrorista.

Todo o horror desses conflitos entre Israel e Hamas, que tornou-se o massacre do povo palestino, é transmitido ao vivo pelas TVs, retransmitido pelas redes sociais, como se tudo isso fosse normal. No dia 11 de outubro de 2023, a Globo News entrevista ao vivo uma moradora com cidadania brasileira, que estava em Gaza, e o portal de notícias G1 faz uma matéria intitulada de “‘Não quero morrer’. A jovem brasileira que vive em Gaza” afirma:

A jovem brasileira Shahed Al-Banna, de 18 anos, fez um relato desesperado da situação de momento em Gaza. Na quarta-feira (11), ela relatou estar na casa da tia para se abrigar dos bombardeios. Nesta sexta (13), ela foi para uma escola que servia de abrigo para um grupo de brasileiros e palestinos. E contou em entrevista à Globo News que todos foram orientados a sair do local com urgência. (G1, 2023).

No entanto, no mesmo momento, a entrevistada precisou parar de falar e sair correndo, porque os ataques de Israel acontecem ao vivo. Do outro lado, em Israel, a CNN Brasil transmitiu, no dia 14 de outubro, ao vivo, o repórter Michel Gawendo, no aeroporto de Tel Aviv, quando ao fundo tocou uma sirene. Ele e todos em sua volta tiveram que correr e se esconder, mas as cenas continuaram ao vivo. Acrescenta-se que entre as grandes emissoras fechadas do Brasil, a Globo News e CNN Brasil reproduziram entrevistas com especialistas, tendo seus correspondentes em Israel ou nos EUA.

No domingo, 15 de outubro, a Globo News dedicou o dia inteiro para debater sobre a guerra entre Hamas e Israel, e especialistas na área foram chamados, como Benito Hartmann Pacheco, tal qual vídeos e imagens também foram divulgados. A CNN ainda fez um o programa CNN Prime Time – edição de domingo -, ao vivo, e o WW – edição de domingo - dedicou todo o tempo para analisar a guerra entre o Hamas e Israel, mobilizando especialistas. Entre eles, o ex-embaixador do Brasil em Israel, Sérgio Eduardo Moreira Lima; o ex-embaixador em Londres e Washington, Rubens Barbosa; e o cientista político e professor de Relações Internacionais, Henri Ozi Curier.

Já a TV aberta ao público, Rede Globo, fez menção sobre o conflito, recapitulando a história de Israel e dos conflitos até o atual momento. Da mesma forma, trouxe especialistas e mais imagens feitas pelos próprios terroristas (provavelmente cedida pelo exército de Israel) e de fotos e mapas da

região de Gaza. Os programas cedem pouco espaço aos especialistas, deixando lacunas no entendimento dos fatos.

Por outro lado, os dois grandes jornais de circulação no país, Estadão e Folhas de São Paulo, também fizeram matérias exclusivas sobre o conflito, as quais ficaram em destaque até a redação final deste trabalho. Usando os descritores para análise deste trabalho: Israel, Hamas e Palestina nos dois jornais citados, encontramos os seguintes registros dessas palavras nos jornais:

Tabela 01

	FSP	Estadão	Total
Israel	1258	749	2.007
Hamas	1035	692	1.727
Palestina	412	541	953

Fontes: FSP e Estadão [Online] 01 a 30 de outubro de 2023. Elaborado pelos autores.

Dos 4.687 registros encontrados nos dois maiores jornais do país, o nome de Israel aparece aproximadamente 44% vezes em detrimentos aos 36% do Hamas e de 20% da Palestina. A Palestina é menos citada porque se explica menos sobre o que são esses territórios e quem são os árabes que vivem nessas regiões. Fica uma narrativa polarizada entre o bem e o mal, os mocinhos e bandidos, o santo e os pecadores (ARBEX, 2003; ZAVERUCHA, 2010).

No Instagram, criado em 6 de outubro de 2010, as contas sobre a temática militar também movimentam a posts da guerra Israel versus Hamas. No Brasil, repercute de forma mais rápida as imagens e vídeos das tropas israelenses. Nessa mesma mídia, foram analisadas três contas entre os dias 08 a 30 de outubro de 2023:

Tabela 02

Canais	Postagens	Seguidores e milhares
Hoje no Mundo Militar	420	757
Canal Militarizando	371	93,4
Almanaque Militar	207	68,6
Total	998	919

Fontes: Instagram - 07 a 30 de outubro de 2023. Elaborado pelos autores.

O maior canal no Instagram “Hoje no Mundo Militar” conforme a tabela 2, afirma em sua conta ser um “canal 100% dedicados à discussão de temas militares atuais”. Também conta com link que conduz o usuário a um site, porém, ao clicar no link, foi anunciado erro na abertura, ou seja, não foi possível visualizá-lo. O “Canal Militarizando”, é do prof. Luiz Reis. Na biografia da conta afirma “Notícias, opinião, análise, discussão e debate sobre História Militar, Estratégia e defesa. Somos do Brasil”. Também conta com link que conduz o usuário a um site sobre a temática do canal. A conta “Almanaque Militar”, afirma em sua biografia que “Geopolítica, Estratégia, Defesa e História Militar. Entrevistas, Análises e Documentários novos toda semana, no Youtube”. Há um link na biografia que leva o usuário a entrar em um grupo fechado do Whatsapp do canal.

Os 3 canais analisados tendem a um apoio aos israelenses, em vista das imagens pró-Israel e da falta de informações que contextualizem que o Hamas é infinitamente menor que civis que vivem em Gaza. Gerando uma confusão entre o grupo terrorista e os habitantes da Palestina.

Todas as contas reproduzem, de certa maneira, vídeos ou fotos que não foram veiculados na grande mídia brasileira, ou de alguma forma, são uma fonte pessoal dos administradores da conta. Eles compartilham tais imagens em suas próprias contas, na maioria das vezes sem citar a fonte ou a veracidade das imagens ou dos vídeos. Há muitas cenas de guerra e mortes, algumas foram capitadas pelas regras de publicação de conteúdo do Instagram que tem os seguintes dizeres: “Conteúdo sensível – Este vídeo pode apresentar conteúdo explícito ou de violência”, em especial no canal.mili-

tarizando. Mesmo com o aviso de “Conteúdo sensível” é possível ver o vídeo. O alerta é apenas para a visar e, não para filtrar as cenas. Em 3 vídeos de 998 dos canais analisados, apareceram uma tarja preta escritor: censurado, porque de forma explícita há imagens de soldados gravando sua própria morte – em meio aos conflitos.

Os ataques terroristas foram filmados pelos próprios membros do Hamas (Tiktok, X (antigo twitter) e o facebook, do mesmo modo que o massacre ao povo palestino é filmado, gravado e reproduzido para os meios oficiais de comunicação e redes sociais <b.netanyahu> , em certa medida, como algo espetacular, de força, vindo de ambos os lados <stateofisrael>. (CNN, 2023a)

Todos os vídeos, as fotos e as matérias jornalistas indicam que o Hamas e o Estado de Israel cometeram e cometem crime contra a humanidade ou até genocídio, conforme a “Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio”, que foi aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas e gerou a resolução 260 de 1948. De acordo com a Convenção, no seu artigo 2:

Na presente Convenção, entende-se por genocídio os atos abaixo indicados, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tais como: a) Assassinato de membros do grupo; b) Atentado grave à integridade física e mental de membros do grupo; c) Submissão deliberada do grupo a condições de existência que acarretarão a sua destruição física, total ou parcial; d) Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; e) Transferência forçada das crianças do grupo para outro grupo.

O Hamas cometeu crime contra a humanidade e genocídio ao matar deliberadamente pessoas comuns no sul de Israel no dia 7 de outubro¹³. Como grupo terrorista, o Hamas não tem responsabilidade internacional e, por isso, está longe das determinações do Direito Internacional. Da

13 No seu Estatuto de fundação em 1988, o Hamas afirma no artigo 7º [...] “O Profeta, que as bênçãos e a paz de Alá recaiam sobre ele, disse; “A hora do julgamento não chegará até que os muçulmanos combatam os judeus e terminem por mata-los e mesmo que os judeus se abriguem por detrás de árvores e pedras, cada árvore e cada pedra gritará: Oh! Muçulmanos, Oh! Servos de Alá, há um judeu por detrás de mim, venha e mate-o, exceto se se tratar da árvore Gharkad, porque ela é uma árvore dos judeus.” (Registrado na coleção de Hadith de Bukhari e Muslim)”. Isto é, o extermínio dos judeus. Disponível em: https://www.chamada.com.br/mensagens/.estatuto_hamas.html Acesso em: 19 out. 2023

mesma maneira, Israel comete genocídio ao bombardear a Faixa de Gaza, de forma indiscriminada, obrigando um deslocamento em massa, e quando mais de um milhão de pessoas precisaram sair de suas casas ao norte de Gaza e ir para o sul. Além disso, 4 hospitais tiveram que ser esvaziados a mando do exército de Israel, em Gaza, porque seriam bombardeados também, sendo isso um flagrante delito dos Direitos Humanos. E mais, Israel é um Estado membro da ONU, mas não é signatário do Tribunal Penal Internacional, o que lhe confere certa irresponsabilidade penal, entretanto é possível punir os dirigentes dos governos que cometeram crimes contra à humanidade.

O atual cenário de guerras lembra uma obra muito importante de Hannah Arendt “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” (1999). Obra no qual afirmou que o nazismo foi a banalidade do mal, ou seja, a prática do extermínio dos outros de forma fria e racional. Destaca-se, então, sobre a banalidade em que os Direitos Humanos chegaram, ao serem noticiadas constantemente em nossas telas, em casas ou nos smartphones, cenas de horror, de corpos e de destruição, os quais acabam se fixando no cotidiano como fatores de normalidade. As mortes das crianças israelenses e palestinas estão se tornando rotineiras e as tornando comum, encaixadas em nosso cotidiano a vida seguiria sua normalidade.

O escritor Guy Debord no livro “A Sociedade do Espetáculo” (2003), já analisou que os fenômenos sociais, na atual sociedade, viram espetáculos, mesmo o inaceitável. Nessa sociedade do espetáculo, para os atores conflitantes o importante é a imagem, o print da notícia, o vídeo do Tik Tok, dessa forma a imagem vira discurso, e este a verdade.

Consideração finais

A liberdade de imprensa é fundamental para qualquer país que busque o certificado de Estado Democrático. Logo, ter jornais, emissoras de TVs e redes sociais informando e reproduzindo matérias e notícias relevantes é importante e necessário para manter a sociedade informada. No entanto, ao mesmo tempo, a repercussão extensiva da guerra analisada acaba transformando as cenas

de violência em algo comum, corriqueiro ou sem valor humanístico, desvalorizando-se os Direitos Humanos, esses que são base relevante à nossa sociedade contemporânea.

Em contrapartida a mídia brasileira aberta e fechada não fizeram muito uso das regras internacionais para informar sobre o conflito, vez o outra, chamavam um especialista em Direito Internacional para relatar em pouco minutos, ou até segundos, o que estava ocorrendo na Palestina. Nas redes sociais analisadas, as postagens em sequências criavam uma espécie de roteiro ou diário de guerra, sem debater o contexto das batalhas e muitos afirmam que Israel tem o direito de se defender, apontado uma tendência política.

Ao não denominar crimes contra à humanidade ou repudiar os atos de atrocidades – não importa de onde venham -, a mídia brasileira acaba gerando uma imagem de legitimidade ao massacre do povo palestino, oriundos do Estado de Israel, no qual a maioria é inocente. A mídia deve ser livre, mas também deve se posicionar quando crianças e mulheres são mortas por mísseis guiados para matá-los. Podemos afirmar que não existe uma guerra e, sim, um massacre do Exército de Israel contra os palestinos.

Neste mundo multipolar, crivado de alta tecnologia e inovações é de ficar atônico que as maiores potências mundiais, entre outras nações, não conseguiram agir para impedirem o massacre do povo palestino em Gaza. Consequentemente, quando o Direito perde sentido, o que resta é o horror e o espetáculo da barbárie ao vivo pelas redes sociais que buscam likes/seguidores e pela grande mídia em busca de patrocínio e acreditando que faz um trabalho isento ao defender crimes contra a humanidade.

Referências

ARBEX, José. O jornalismo canalha. Editora Casa Amarela: São Paulo, 2003

AKCELRUD, Isaac. O Oriente Médio: Origem histórica dos conflitos, imperialismo e petróleo. Judeus, árabes, curdos e persas. São Paulo: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1986

ARENDR, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BATEMAN, Tom. O relato de destruição em campo de refugiados após ataque israelense. BBC. Publicado: 06.07.2023 [Online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c90w00v-z5epo> Acesso em: 15 out. 2023.

BBC. O chocante testemunho de preso de Guantánamo para o qual júri pediu clemência nos EUA. BBC. Publicado: 2.11.2021 [Online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59139039> Acesso em: 15 out. 2023.

CNN Brasil (a). CNN exibe documentário que reconstrói a história do Hamas. CNN Brasil: 30 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/cnn-exibe-documentario-que-reconstroi-a-historia-do-hamas/> Acesso em: 30 out. 2023.

CNN Brasil (b). Ao Vivo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/> Acesso em: 30 out. 2023.

CARR, Caleb. A Assustadora História do Terrorismo. São Paulo: Ediouro, 2002. (Coleção assustadora histórica)

Estatuto do Hamas. Publicado em 1988 [Online]. Disponível em: https://www.chamada.com.br/mensagens/estatuto_hamas.html Acesso em: 18 out. 2023.

GRANCHI, Giulia. Quase metade dos moradores de Gaza tem menos de 18 anos; as razões por trás da população jovem. BBC: 15 out. 2023 [Online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czv9w2xkxk0o> Acesso em: 16 out. 2023.

G1. 'Não quero morrer', diz jovem brasileira que vive em Gaza. G1. \Publicado:13.10.2023 [Online]. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/13/nao-querer-morrer-diz-jovem-brasileira-que-vive-em-gaza.ghtml> Acesso em: 15 out. 2023.

GONÇALVES, Israel A. A diplomacia não pode falhar. Pragmatismo Político: 19 out. 2023 [Online]. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2023/10/diplomacia-nao-pode-falhar-guerra-orientemedio.html> Acesso em: 125 out. 2023.

LEWIS, Bernard. O Oriente Médio: o advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

WILLIAMS, Anne; HEAD, Vivian. Ataques terroristas: a face oculta da vulnerabilidade. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

SCHWARZ, Jon; SPERI, Alice. Não há razão para celebrar os 25 anos dos acordos de paz entre Israel e Palestina. Intercept. Publicado: 15.10.2018 [Online]. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2018/09/15/acordos-de-oslo-israel-palestina/> Acesso em: 15 out. 2023.

O Estadão. [Online] Ofensiva terrestre de Israel em Gaza pode ‘arrastar violência’ por um longo tempo, dizem analistas. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/fotos-tiradas-por-celular-viram-documentos-e-afetam-os-caminhos-da-guerra/> Acesso em: 15 out. 2023.

_____ [Online]. Ofensiva terrestre de Israel em Gaza pode ‘arrastar violência’ por um longo tempo, dizem analistas. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/ofensiva-terrestre-israel-gaza-arrastar-violencia-analistas/> Acesso em: 15 out. 2023.

O Globo. Provas apontam falhas logísticas de Israel e demora de oito a mais de 20 horas em resgates. Publicado: 13.10.23 [Online]. Reproduzido do The New York Times — EUA. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/13/provas-apontam-falhas-logisticas-de-israel-e-demora-de-oito-a-mais-de-20-horas-em-resgates.ghtml> Acesso em: 15 out. 2023.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. Security Council Committee pursuant to resolutions 1267 (1999) 1989 (2011) and 2253 (2015) concerning Islamic State in Iraq and the Levant (Da’esh), Al-Qaida and associated individuals, groups, undertakings and entities”. Disponível em: <https://www.un.org/securitycouncil/sanctions/1267> Acesso em: 19 out. 2023.

ZAVERUCHA, Jorge. Armadilha em Gaza: fundamentalismo islâmico e guerra de propaganda contra Israel. São Paulo: Geração Editorial, 2010.